

OS DITOS E NÃO DITOS NAS CAPAS DA *ISTOÉ* E *VEJA*.

¹Neilton Farias Lins

RESUMO: Este trabalho tem como base teórica as concepções elencadas por Bakhtin, (1988.) Ducrot, (1987), Orlandi, (1992), Pêcheux(1988.), cujo objeto de pesquisa é a análise dos ditos e não ditos (silenciamento) nas capas da Revista *ISTOÉ* E *VEJA* levando em consideração os aspectos teóricos da Análise do Discurso. Terá como foco uma análise de como se dá discursos ditos e não ditos o efeito de sentido, vinculado à perspectiva teórica da Análise do Discurso Francesa (doravante também AD). A AD é teoria cuja análise discursiva é feita considerando possibilidades históricas, isto porque, reconhece o assujeitamento ideológico em um discurso está restrito, além disso, a referida teoria analisa e/ou identifica de igual modo as condições de produção (que são os efeitos de sentidos produzidos pela ideologia) as quais propiciam o acontecimento discursivo. Nesse caso, será na materialidade discursiva, ou propriamente no texto verbal e/ou visual que qualquer estudioso da análise do discurso de linha francesa terá como um norte para seus estudos.

PALAVRAS-CHAVES: ditos e não ditos, discurso, Revista Veja, análise do discurso.

ABSTRACT: This work is based on theoretical conceptions listed by Bakhtin (1988). Ducrot (1987), Orlandi (1992), Pecheux (1988.), Whose research is the analysis of spoken and unspoken (silencing) in Magazine covers *ISTOÉ* e *VEJA* considering the theoretical aspects of discourse analysis. Will focus on an analysis of how to give speeches spoken and unspoken effect of meaning linked to the theoretical perspective of French Discourse Analysis (henceforth also AD). AD is discourse theory whose analysis is performed considering historical possibilities, because it recognizes the subjection ideology is restricted in a speech in addition to this theory analyzes and / or identifies similarly production conditions (which are the effects of meanings produced ideology) which provide the discursive event. In this case, it will be in the discursive materiality, or specifically in the verbal text and / or visual that any student of discourse analysis of French will be a route to their studies.

KEYWORDS: dictum non dictum, speech, Veja Magazine, discourse analysis.

1 Considerações iniciais

Nosso objetivo nesse artigo é fazer uma reflexão nos ditos e não ditos e estratégias discursivas usadas pela revista *ISTOÉ* e a *VEJA* , em suas capas, com a finalidade de convencer o leitor, levando-o a concordar com as posturas por elas defendidas. Para esta

¹ Mestre em Linguística – SEE/AL

análise usamos como *corpus* algumas capas desses semanários. O propósito é apontar os discursos ditos e não ditos no já referidos semanários, e quais as posturas apreendidas por estas revistas, identificadas a partir da construção de seus discursos na capa.

A razão da escolha revista ISTOÉ e a VEJA foi por serem elas as de maiores circulação no Brasil e têm como público-alvo, os estratos mais beneficiados da sociedade capitalista, apesar desta camada social, ser em número, inferior as menos favorecidas, ela tem o poder de atuar de forma política, nas outras camadas sociais.

Para isso, levamos em considerações algumas indagações, tais como: Qual o conteúdo do discurso imagético em cada capa? O que as imagens das capas transmitem e o que elas não transmitem? Os textos escritos revelam as mesmas intenções dos imagéticos? Que recursos são utilizados no discurso das capas das revistas ISTOÉ e a VEJA ?

A referida pesquisa enfatizará como se manifesta discursos ditos e não ditos o efeito de sentido, dentro da perspectiva teórica da Análise do Discurso francesa. Salienta-se de início que, a AD é uma teoria que analise os discursos numa possibilidade histórica, tendo como preocupação em reconhecer o assujeitamento ideológico o qual um discurso (em nosso caso imagético) está adstrito, identificando também as condições de produção (a produção de efeitos de sentidos) propiciadora do surgimento do discurso. É na materialidade discursiva, ou seja, no texto verbal e/ou visual que o analista terá como um norte para seus estudos.

Para tanto, a ideia de texto, aqui defendida, não é a de algo recluso sobre si, mas organizado por uma variedade de textos. Logo, é necessário concordar com Bakhtin (1989) em que para ele “todo texto é dialógico”, pois, está repleto, constitutivamente, pela afluência do outro. Nessa perspectiva de análise de discurso de linha francesa, esse outro será objeto de pesquisa, a partir da interferência da ideologia e da ação do inconsciente, além das determinações da própria língua.

2 Sobre a revista ISTOÉ e a VEJA

As revistas ISTOÉ e a VEJA foram moldadas com intuítos de delinear e conjecturar os acontecimentos para seus leitores, isto é, uma perspectiva que convencionou uma dessemelhança entre fatos e acontecimentos discursivos. Agindo dessa forma, as revistas criam uma preleção discursiva dos fatos, apresentando essa versão como uma realidade para os leitores. Elas delineiam e conjecturam com o objetivo de revelar as chaves explicativas dos acontecimentos. Tal aspiração produz um efeito de sentido verdadeiro para os leitores, o que é

dito põe-se a transitar, quem sabe, como única perspectiva sobre os acontecimentos, o que ao mesmo instante, os restringe, torna-os simples esclarecimento que não abrangem a preponderância de cada um, numa dimensão histórica mais extensa.

Os ditos que formam o acontecimento na ISTOÉ e VEJA, se impõem como realidade sobre a política brasileira. Mas, eles não são, enquanto verdade, postos em circulação pela revista, visto que, são expressões puras de um Poder de Estado, logo, a ISTOÉ e a VEJA seria um “aparelho ideológico do estado”, os quais atuam como agente de distribuição ideológica.

O que é produzido nesses semanários não deixa de se sustentar numa praxe institucional, que estabelece uma totalidade de verificações que expõe como o saber. Logo, o discurso materializado na ISTOÉ e VEJA, por exemplo, exerce sobre os discursos da maioria dos leitores, um domínio por meio de uma consternação e de uma fascinação, que se demonstram nas revistas. Os leitores que tem proximidade com o discurso das revistas são impelidos, de alguma maneira, pela busca de conhecimentos sobre política ou outros temas, que a ISTOÉ e VEJA apresentam em seus exemplares semanais.

3 Sobre análise do discurso

Para analisar esse objeto de estudo, foi feito um percurso histórico da AD o qual não pretende ser uma contextualização em minuciosidade, mas apenas uma introdução da disciplina, e a inserção do conceito de acontecimento discursivo em seu quadro teórico.

A origem da Análise de Discurso apareceu, conforme Maingueneau (1997), numa certa tradição que fez confluír uma circunstância intelectual e uma prática escolar. Essa confluência se aplanou no bojo de uma tradição que, na França e na Europa de forma unânime, amparou uma ponderação sobre os textos e história.

Para Maingueneau (op. cit.), a análise do discurso se filia a três disciplinas: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Com o desígnio de uma ponderação sobre a “escritura” do outro, se liga à prática escolar que é a da “explicação de textos”, muito praticada na França, que se estendia da escola à universidade.

Em sua fase de início, a AD pensava a atividade de produção discursiva constituído como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma. Nesse instante primeiro, supunha-se um sujeito-estrutura que determinava os sujeitos como produtores de seus discursos, acarretando neles a “ilusão” de posse sobre os seus discursos, mas não passavam de “submissos” deles.

A noção de sujeito adotada pela AD, se opõe às perspectivas que defendiam um sujeito intencional como origem de seu discurso. A posição teórica da AD é “estruturalista”. Por isso, o sujeito estava longe de ter a liberdade amparada por outras perspectivas. Os sujeitos não têm poderio sobre seus discursos, são antes assujeitados a eles, seus suportes, e não sua instância fundadora. O sujeito se assujeita a algo que lhe é superior. O estudo da AD vai dizer que essa instância superior é ocupada pela ideologia. Esta produz um sujeito ideológico o qual é assujeitado, segundo Michel Pêcheux a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.

Uma das mais importantes contribuições de Althusser para a AD foi salientar que a ideologia atua como constitutiva dos indivíduos reais em sujeitos, isto é, a ideologia chama o indivíduo a condição de sujeito. O fato de a ideologia existir, a interpelação dos indivíduos, essa interpelação só vai existir quando o indivíduo se (re)conhece sujeito.

4 O não dito e o silêncio

A noção de implícito defendido em Ducrot (1972) presume modos de dito subentendido, que permitem deixar entender, sem ficar a descoberta, a embaraço de se ter dito. Ou se afirmar de tal forma que tal responsabilidade do dizer possa ser recusada.

Observa Orlandi (1989), que a concepção de silêncio não pode ser confundida com o não dito (implícito). Ao contrário do implícito, que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não precisa ser referido ao dizer para significar. O silêncio representa, não fala. Assim, essa autora reassegura que o conteúdo significante do silêncio é distinto daquele da linguagem verbal. E, ao favorecer, assim, o descentramento da linguagem verbal, abre à alteração as divergentes formas do silêncio no processo de significação.

Da mesma forma acontece com a imagem das capas de revista, que não é diferente, há imagens que não estão perceptíveis, porém insinuadas, implícitas a partir de um jogo de imagens antecipadamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação.

O não dito é uma técnica de “dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito,” isso através de uma diversidade de recursos tais como implícitos, denegações, discursos oblíquos, figuras de linguagem, trocadilhos, chistes, frases feitas, provérbios, piadas e injúria. O não dito faz parte do discurso que certamente não é palavra. Na premissa, há impossibilidade do discurso de abranger uma enunciação exaustiva, completa. Nesse aspecto, entende-se que o não dito é constituinte do discurso.

Como Ducrot pode-se dizer que o problema do não dito:

[...] é saber como se pode dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito, o que, com outras palavras, significa beneficiar-se da eficácia da fala e da inocência do silêncio. [...] A significação implícita, por sua vez, pode, de certo modo, ser posta sob a responsabilidade do ouvinte: este é tido como aquele que a constitui por uma espécie de raciocínio, a partir da interpretação literal da qual, em seguida, ele tiraria, por sua conta e risco, as consequências possíveis (Ducrot, 1987, p. 20).

A análise do não dito não deve afastar a possibilidade do mal-entendido ou do mal dito. Ao contrário, é essa possibilidade, anterior ao discurso, que ampara o não dito. Na impossibilidade de se mal entender ou mal dizer, seria impossível o recurso ao não dito. Ocorre dessa forma, a fim de que a condição de existência do mal-entendido e do mal dito é a mesma do não dito.

Há algo na situação de enunciação que produz o sentido recusado, renegado. A diferença entre esses ditos estaria em atestar o caráter involuntário em diversas fontes desse sentido rejeitado; respectivamente, a recepção (mal-entendida), a emissão (mal dita) ou a prática extralinguística (não dita), assim, entende-se que o mal dito, o mal-entendido e o não dito, são identificados levando em consideração a fonte das informações e sua “intenção” voluntária ou involuntária em dizer ou não determinada coisa.

A intenção não deve ser compreendida como o resultado apenas do que há aqui dentro, em um mundo mental individual, subjetivo. Esfera privilegiada de vivências presentemente alcançáveis e absolutamente certas para a “primeira pessoa” que as empreende. Tal concepção concilia o que chamamos de “subjetivismo psicologista”.

A intenção é oriunda de uma pretensão de coerência e identidade do fluxo da ação, apreendida pelos traços de diferenciação e coesão narrativas. É o que distingue a ação do puro acontecimento que é causado. Expor uma ação como feita, de forma a premeditada, é defini-la a partir da razão que o sujeito da ação teve de fazer o que fez, ou seja, uma ação intencional é uma ação feita por uma razão. A narrativa, pois, torna razoável a ação narrada, atribuindo-lhe uma razão de ser ou motivação.

A AD propõe a escutar o já-dito, no dito e no não dito, o que constitui dizer que existe uma afinidade expressiva entre o dizer e o não dizer. A AD parte do dizer, de suas condições e do vínculo estabelecido com a memória, com aquilo que se chama de “saber discursivo” e vai

em direção à acepção do não dito, daquilo que é calado e que compõe sentido(s). Orlandi enfatiza (1999, p.85) que, “as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio”. Em Formas de silêncio, no movimento dos sentidos (1997, p.23), Orlandi define o silêncio como a garantia do movimento de sentidos:

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante (...). Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.

O que não é dito, ou o que é silenciado constitui o sentido fundamental do que a ISTOÉ e a VEJA veiculam em suas capas. Entre o dizer e o não dizer (ou o silenciar), desenvolve-se uma significação construída com o jogo de imagens que remetem a outros dizeres, produzindo efeitos de sentidos especiais: a denúncia, a censura sem dizer, a posição política, ideologias: é o não dizer no dito. O que assinala o discurso dos mencionados semanários são seu modo de funcionamento, seu processo discursivo.

Assim, tome-se alguns exemplos para descrição do funcionamento discursivo, as articulações dos discursos entremeados pelas capas desses semanários e seus posicionamentos político-ideológicos, que não estão retratadas de forma transparentes nos textos que compõem as revistas. Elas vêm de forma silenciadas, não-ditas, “escondidas” pela construção do discurso, pela interdiscursividade, intertextualidade, por uma memória sócio-histórico-ideológico-discursiva, que reveste o texto das referidas revistas. Sua forma de dizer e o posicionamento político-ideológico são silenciados pela forma que suas capas são projetadas e que é constitutiva de efeitos de sentidos.

Antes de se dizer o que é uma coisa, é preciso saber se esse algo foi dito, mas como é que isso foi dito? Ou ainda, o que é que foi feito ao falar sobre essa coisa? Quando se disse isso, e na medida em que foi isso, e não outra coisa, que se disse, antes, procurou-se descrever o sentido? Posteriormente a tudo isso, é necessário responder a esta questão: porque é que foi dito isso exatamente? Ainda outro questionamento precisa de resposta. O que tornou possível dizer isso?

Embora as revistas tenham determinados posicionamentos ideológicos, elas não podem deixar isso totalmente expresso, isso pelo fato de não poder dizerem tudo o que se

quer dizer, em qualquer lugar ou época, essa é uma posição teórica defendida por Foucault (1969, p.61): “Não se pode falar em qualquer época de qualquer coisa; não é fácil dizer qualquer coisa que seja nova”.

Segundo Grice (1989): “muitas vezes, o que um falante quer dizer vai além daquilo que ele diz”. O que um falante quer dizer para além daquilo que diz é o que ele “sugere”, “indica”, “insinua”, etc. O que é “sugerido”, “indicado”, “insinuado”, etc. É identificado pelo ouvinte/leitor, não através da descodificação do significado linguístico, mas através de inferências. Esse posicionamento é pertinente no estudo discursivo nas capas de revista, quando se trata do não dito, uma vez que o editor das capas não expõe um posicionamento claramente, mas sugere ou insinua, a interpretação do leitor vai acontecer no uso da memória discursiva, em que o leitor ligará aquela imagem a uma outra, que não dependerá exatamente de sua memória psíquica, mas uma memória do discurso ou histórica, isso levando em consideração a condição de produção do não dito.

Se levar em consideração que o que determina o dito e o não dito são as condições de produção, seria relevante observar o que elas são: poder-se-ia dizer que é o sujeito histórico e materialmente dado, em afinidade com os discursos historicamente produzidos, bem como a sua posição frente a esses discursos. No entanto, deve-se ficar claro que as condições de produção não são aquelas de que a antropologia ou a sociologia fala. Para elas, o discurso de um proletário, por exemplo, reflete exatamente o pensamento de um proletário, o discurso de um burguês, reflete o pensamento de um burguês.

As condições de produção devem ser compreendidas em um sentido mais aberto, não só como posição empírica de um sujeito que determina seu dizer ou não dizer. Os discursos prévios (o interdiscurso) devem ser concebidos como fornecedores de discursos (ou sentidos) para o sujeito, o qual não fala a partir do nada, mas a partir dos discursos historicamente construídos. O sujeito não escapa deles; só pode falar a partir deles. A posição em que o sujeito se encontra não é vista por ele mesmo com transparência; o sujeito não vê necessariamente a realidade de sua posição. Assim, efetiva-se uma espécie de alienação, ou divisão, de forma que o sujeito pode ter uma posição no sentido estrito (sociológico), mas o lugar de onde ele fala não é tomado por ele nesse sentido – este lugar está transformado.

5. Discussão dos dados

1ª Sequência

Para o desenvolvimento dessa análise foram coletadas várias capas, mas apenas algumas serão usadas de mostrar os não ditos nesse semanário.

Figura 1 - VEJA - Edição 2007



Fonte: VEJA - junho de 2007

Capa da Revista Veja de junho 2007 de trata da discriminação racial. Em que a mesma fala dos gêmeos Alex e Alan, os quais foram considerados pelo sistema de cota como negro e branco na para exame universitário.

O que é dito na capa? Que não existe raça negro e/ou branco, tendo em vista que, sendo os dois irmãos gêmeos idênticos e não havendo diferença inclusive na cor o sistema de cotas do Brasil o identifica como sendo diferente, em que pela posição que os irmãos se encontram na capa é possível que Alan, o garoto vestido de blusa preta, seja o que foi considerado pelo sistema como negro e o Alex que está no fundo vestido de branco como aquele cujo sistema considerou branco.

Quase sempre, o dito de uma capa da Veja não condiz com o não dito, visto que, o valor discursivo entre o dito e o não dito vai exigir uma leitura mais profunda dos sujeitos do discurso. Para essa leitura o sujeito será obrigado acionar algumas categorias da análise do discurso, tais como: memória discursiva, formação discursiva, ideologia, interdiscurso, etc. Veja-se os não ditos nessa capa.

O que é silenciado na capa, mas está subentendido? Embora a Revista tenha intenção de convencer o leitor a uma concepção de não discriminação racial e o faz, mas não a faz de forma clara. Para isso esse semanário utiliza-se de estratégias interessantes. É perceptível que a capa em sua essência já é bem racista.



Por exemplo, se for retirados os ditos dessa capa o que teríamos? Uma capa de revista totalmente racista, em que as cores postas na capa são representações dessa discriminação. O Branco e Preto postos são usados com a finalidade de tornar impactante essa diferença. Ao se olhar os ditos dessa capa crer-se-ia exatamente no discurso que está posto. Na possibilidade de que na verdade não existe raça, mas os não ditos que essa revista apresenta contradiz sua posição. Por exemplo, o já exposto da correlação cor e raça. Mas não é só isso, como também, as expressões faciais dos gêmeos apresentam contradições. Percebe-se no olhar, em que o Alan parece olhar por baixo o que caracteriza submissão ou relação de poder da classe que ele se ver interpelado, enquanto que, Alex olha numa posição mais centralizada, o que demonstra superioridade. Outro elemento a ser analisado são as roupas vestidas por cada um. O Alan usa o preto, o que caracteriza nesse aspecto a raça negra, enquanto que, Alex usa blusa branca, o que é símbolo de raça branca, o que pode simbolizar pureza, paz, tranquilidade.

2ª Sequência



Fonte: ISTOÉ - novembro de 2008

Figura 2 ISTOÉ 2008

Para o desenvolvimento dessa análise foram coletadas várias capas, mas usadas apenas algumas, de igual modo, a fim de mostrar os não ditos nesses semanários. A revista ISTOÉ da segunda semana de novembro de 2008 expõe em sua capa a Infidelidade da Mulher. Em que a mesma tratar do referido tema, o qual tem sido muito ignorado, mas que segundo esse semanário e suas pesquisas é uma temática muito atual. A referida análise tentará responder a seguintes perguntas. O que é dito nessa capa? Qual a relação dos ditos e não ditos nesse semanário. Quais

os não ditos na capa dessa revista ?

O nome da Revista está de forma destacada em letras brancas, cujo fundo se contrasta entre o vermelho e o azul claro. A manchete é encontrada se destaca pelo tamanho que é apresentado, que em caixa alta vemos a seguinte chamada: “**MULHERES INFIÉIS**”, logo abaixo do tema da manchete encontramos o subtema, em que, a fonte usada é mesma, mas não em caixa alta e de tamanho bem menor. O subtema diz o seguinte: “**Pesquisa mostram por que elas estão traindo mais e como identificar sinais de infidelidade**”. Além deste detalhe exposto nessa capa, é encontrada a figura de uma mulher nua e um homem que está a trajar paletó.

Igualmente a VEJA, quase sempre o dito de uma capa da ISTOÉ não condiz com o não dito, visto que, o valor discursivo entre o dito e o não dito, vai exigir uma leitura mais profunda dos sujeitos do discurso. Para essa leitura o sujeito será também, obrigado acionar algumas categorias da análise do discurso, tais como: memória discursiva, formação discursiva, ideologia, interdiscurso, etc. Vejamos os não ditos nessa capa.

O que é silenciado na capa, mas está subentendido? A capa expõe uma mulher nua, o que se entende como a infiel da relação. Embora tenhamos a imagem de um casal, mas ela silencia sobre a verdade desse fato, de ser ou não cônjuges. Tudo que se pode dizer é o que apenas pode-se supor pelas sugestões por ela deixada, por exemplo, pode-se dizer que o homem é o marido, assim é concluído pela postura da mulher, diante o abraço do suposto marido, e seu olhar que demonstra um tanto de sedução, não ao marido, mas ao leitor, ao fotógrafo, ao outro, assim como também, pode-se dizer que o suposto marido é na verdade o amante, isso também se conclui pelo olhar, que além de demonstrar sedução ao outro do olhar, no caso o leitor. O amante, o seu parceiro da foto, também já está sendo traído pelo exposto desse olhar. Logo, a sensualidade do olhar da mulher dessa capa em análise parece não se conter com o amante ou marido em questão, vai além disso. Parece ser uma busca incansável pela satisfação de seus desejos mais íntimos.

3ª Sequência

Figura 3 - VEJA - 2008



Fonte: VEJA - junho de 2008

O segundo caso a ser estudado foi a capa da VEJA da segunda semana de junho de 2008. Cujas temáticas são a venda do Amazonas. O nome do semanário recebe destaque pelo contraste que há no fundo da tela que é a Bandeira do Brasil, que se mistura com árvores, símbolo da floresta amazônica.

O que é dito nessa capa? A revista explora o tema de corrupção com a seguinte manchete. **CORRUPÇÃO - AMAZÔNIA A VENDA – Petista presos aceitavam propina de madeiras que devastam a floresta.**

Essa capa mostra a Bandeira do Brasil sendo rasgado ao meio por uma serra elétrica, essa bandeira se mistura com árvore. Nessa perspectiva, o editor dessa capa teve a intenção de mostrar que aquilo que estava sendo rasgado não era na verdade a madeira e/ou a possível exploração da Amazônia, mas a bandeira propriamente dita, subentendendo o Brasil. Logo, o nome escrito CORRUPÇÃO, na serra, teve a intenção de mostrar que o país está a sendo vendido por políticos corruptos. Isso se entende também pelo subtópico dessa manchete. **Petista presos aceitavam propina de madeiras que devastam a floresta.** Percebe-se que, o corte feito pela serra no fundo da tela dessa capa, dar-se mais na bandeira do que na parte em que se encontram árvores.

Assim, essa capa leva a entender que o Brasil é quem realmente está sendo vendido, logo, perdendo sua autonomia e credibilidade. Tendo em vista que os principais políticos que estão sendo objeto de discussões nessa capa, são na verdade os que estão no poder (petistas). Em que a capa diz que: **Petista presos aceitavam propina de madeiras que devastam a floresta**, os ditos dessa a capa põe em xeque o governo do presidente Lula e sua suposta base política. Deixando a transparecer que o presidente é conivente com as atitudes de seus pares, isso se conclui pela chamada, em que os políticos envolvidos são petistas, sendo presidente Lula seu chefe maior, é quem está vendendo o Brasil ou permitindo sua exploração.

4ª Sequência

Figura 4 – Veja - 2008



Fonte: Veja – novembro de 2008

Outra capa da revista analisada, foi publicada na última semana de setembro de 2008, não há ditos, apenas não ditos, a referida capa mostra a caricatura do Presidente Lula com uma faixa da presidência no rosto. O uso de caricatura demonstra certa comicidade na figura do presidente Lula, mas a verdadeira intenção dessa capa não é essa, mostrar comicidade, mas apresentar objetivos outros.

Por exemplo, a caricatura apresentada demonstra discriminação social. Para isso o autor usou o recurso gráfico na forma corpórea do

Presidente, em que sua cabeça está desproporcional com o corpo, um verdadeiro “cabeção”, o que no Nordeste, região oriunda do Lula, significa que pessoas com esse tamanho de cabeça não conseguem raciocinar muito bem, além disso, o uso da cabeça grande repete a ideologia de que todos nordestino possuem cabeça grande, ou é desprovido de inteligência.

Além do “cabeção” elemento analisado nessa capa, há outros que podem ser analisado. Como se não bastasse, a figura do Presidente Lula com a cabeça grande, símbolo de burrice e nordestinidade, usaram ainda a orelha grande o que também faz referência à figura de um burro, animal quadrúpede da família do *Equus asinu*, desprovido de inteligência, cuja serventia é para trabalho pesado, ainda assim, manobrado por um condutor, a essa ideia está ligada também a figura da caricatura, em que, é posto sobre os olhos do Presidente a faixa presidencial, a qual o impede de ver as coisas e ser manobrado por outros que estão verdadeiramente no poder. Logo, ter a faixa da presidência nos olhos de um presidente de um país, é limitar seu campo de visão, assim, a intenção é mostrar o quanto tal presidente desconhece os assuntos inerentes ao governo de sua nação.

Quando a VEJA expõe imagem do presidente Lula, ao colocar uma faixa cobrindo sua visão, ao passo que consegue tirar toda a aura de respeito em torno do mesmo, ela assim o faz, na intenção de desacreditar sua governabilidade, a faixa nos olhos pode ser vista também, como ideia de que, quem está no poder fica cego e nada ver ao seu redor, já as mãos no bolso da calça, expressa tranquilidade em excesso, desleixe e acomodação. Logo, estando ele

vendado e com as mãos no bolso, explícito desleixo, e como se estar a falar do presidente de um país, aquele que foi escolhido para governar a vida de milhões de brasileiros, a Veja dá uma extensão temível à suposta não governabilidade de Lula.

Considerações finais

A análise das capas do referidos semanários corroboram para o pensamento que já tem se tornado de senso comum, que a mídia é considerada como o “quarto poder”, visto que possui um vasto poder de manipulação sobre os indivíduos, e em no caso, em focaliza os leitores. Os mencionados semanários formam opiniões, controlam o comportamento e as atitudes da maioria de seus interlocutores, isto por considerar, que nem sempre os mesmos exercem senso crítico suficiente para distinguir entre o que querem dizer, o que estar dito, e ainda os não ditos, acreditando assim, em tudo que leem.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** (Voloshinov). São Paulo: Hucitec, 1988.
- DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. São Paulo: Pontes, 1987.
- FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- MAGALHÃES, Laerte. **ISTOÉ e VEJA, isto é, leia**. Teresina: Edufpi, 2003.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Vigília, 1985.
- _____. **As Formas do Silêncio**. Campinas: UNICAMP Editora, 1992.
- _____. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp. Campinas: Nudecri, n.1, mar. 1995.
- _____. **Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas: UNICAMP Editora, 1988.